

Encontros com Mario Duayer entre o tempo e a memória: crítica ontológica, verdade e emancipação humana*

Encounters with Mario Duayer between time and memory: ontological critique, truth and human emancipation

Natan Oliveira**

Resumo

O presente texto pretende prestar uma homenagem ao professor Mario Duayer e constituir um convite à leitura de seus artigos. Procuramos apresentar as linhas gerais da reflexão teórica proposta por Mario Duayer destacando suas contribuições tanto para os debates em filosofia da ciência quanto a respeito de sua interpretação da crítica marxiana da economia política, enfatizando a crítica ontológica como eixo central de sua intervenção. O artigo se divide em três partes: apresentação em forma de um relato pessoal dos múltiplos encontros com Mario Duayer, breve exposição da trajetória intelectual de Mario Duayer e, finalmente, síntese dos principais pontos da proposta de interpretação da obra de Marx desenvolvida por Mario Duayer ao longo de sua obra.

Palavras-chave: Marx, filosofia da ciência, crítica da economia política, crítica ontológica, verdade, emancipação humana.

Abstract

This text intends to pay tribute to Professor Mario Duayer and constitutes an invitation to his articles. We present the general lines of Mario Duayer's theoretical reflection, highlighting his contributions both to the debates in philosophy of science and his interpretation of the Marxian critique of political economy emphasizing, moreover, the ontological critique as the central axis of his intervention. The article is divided in three parts: presentation in the form of a personal account of the multiple encounters with Mario Duayer, a brief exposition of Mario Duayer's intellectual trajectory and, finally, a synthesis of the main points of his own proposed interpretation of Marx's work.

Keywords: Marx, philosophy of science, critique of political economy, ontological critique, truth, human emancipation.

* Não era do meu desejo redigir um texto em homenagem a Mario Duayer devido a seu falecimento, preferiria antes escrever um texto de orelha ou até mesmo um prefácio de um livro de sua autoria – que eu tanto o solicitei e, infelizmente, não chegou a realizá-lo em vida. Entretanto, que o presente texto *memorial* possa ser também uma forma de prestar meus agradecimentos ao mestre e amigo Mario Duayer, assim como prestar solidariedade àqueles e aquelas que sentiram esta trágica perda.

** Graduando em Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do NIEP-Marx.

“O real é parcialmente irracional: mude-o!": esse é o imperativo da ciência.

Roy Edgley (1976)

Os múltiplos encontros com Mario Duayer

Numa entrevista realizada em 2009 para o programa *Sangue Latino* do Canal Brasil, conversa que abordou diversos temas, o jornalista Eric Nepomuceno perguntou ao grande escritor uruguaio Eduardo Galeano: “Como foram as perdas e como você as enfrentou e as superou ou não?”. Ao que o autor de *As Veias Abertas da América Latina* (Galeano, 1976) respondeu: “Perdas? As perdas das coisas, confesso que nunca me importaram muito. Mas as perdas das pessoas sim, doeram, e, em alguns casos, deixaram um buraquinho muito difícil de preencher”. O falecimento de Mario Duayer em 16 de janeiro de 2021, vítima da covid-19, uma entre as mais de 209 mil mortes oficialmente registradas até aquele dia, é uma destas perdas que, como assinalou Galeano, dói e deixa um buraco muito difícil de preencher.

Embora haja tantos desencontros na vida, como cantou Vinícius de Moraes em *Samba da Benção* (Moraes; Powell, 1967), a vida é a arte do *encontro*. A minha convivência com Mario foi certamente marcada por múltiplos encontros. Nesta singela rememoração, pretendo compartilhar os múltiplos *encontros* com Mario Duayer, o professor, o escritor, o intelectual crítico, o amigo, enfim, o ser humano, a fim de destacar algumas características de Mario e ressaltar enfaticamente que a partida dele foi, sem sombra de dúvidas, uma perda significativa sob muitos aspectos.

Faz-se necessário, contudo, apresentar outros encontros antes de relatar o encontro com Mario Duayer. Entre os dias 02 e 05 de outubro de 2012, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx) organizava o colóquio cujo tema era “Sujeito histórico e Classes Sociais”¹ e eu, sabendo desta atividade por um amigo que cursava História na UFE, resolvi comparecer ao Bloco D – Faculdade de Educação – no campus do Gragoatá e assistir ao evento. Na quinta-feira daquela semana, 04 de outubro de 2012, foram reunidos o professor/psicanalista Paulo Becker e a professora/historiadora Virgínia Fontes para discutir a plenária “O sujeito na psicanálise e o sujeito da história”, cuja mediação ficou a cargo do professor José Rodrigues.

Encerrada a sessão, senti-me particularmente provocado pelas reflexões expostas pela professora Virgínia Fontes, que conduziu sua intervenção, salvo engano, abordando a questão da subjetividade e da historicidade presentes na

¹ O colóquio também prestou homenagem ao filósofo marxista Carlos Nelson Coutinho, falecido em 20 de setembro daquele ano.

obra de Marx e Freud². Àquela altura, eu já tinha um contato inicial com a obra de Marx³, muito embora a intervenção de Virgínia tenha me deixado com algumas inquietações. Recordo-me que registrei em meu caderno de anotações três perguntas as quais não tive coragem de fazer em público naquele momento por achar que seriam perguntas elementares demais e que não caberiam naquele espaço. Sendo assim, ao final da sessão plenária, dirigi-me à Virgínia – com quem até então eu não havia tido contato – e, de modo mais reservado, lhe apresentei as minhas questões. As duas primeiras já não mais me recordo, mas Virgínia as respondeu prontamente.

Quanto à terceira pergunta, entretanto, me lembro bem: tratava da questão de como saber *de fato* que a teoria de Marx era verdadeira. Era possível assegurar que a teoria de Marx era superior a outras perspectivas teóricas e fazer a defesa de seu pensamento com garantia da verdade?⁴ – eis a pergunta que formulei à Virgínia. Antes de responder, ela, talvez curiosa com aquela inquietude de um jovem de 18 anos, perguntou-me de onde eu era e qual curso fazia. Após ouvir as respostas, a professora Virgínia Fontes comentou que havia uma pessoa que era *ideal* para responder aquela minha última pergunta. Olhei em torno como quem esperava aquela pessoa aparecer, porém, Virgínia já me poupando a busca, adiantou que a pessoa não estava presente naquela ocasião. Tratava-se do professor/intelectual Mario Duayer. Ocorreu assim o que considero *meu primeiro encontro* com Mario, ou seja, quando tomei notícia da sua existência.

Finalizados os comentários da Virgínia sobre a última pergunta, ela me recomendou guardar seu e-mail de contato e lhe escrever uma mensagem solicitando os artigos de Mario Duayer que poderiam contribuir para avançar diante daquela minha última questão formulada. Dois dias depois, 06 de outubro de 2012, enviei o e-mail. A resposta de Virgínia chegaria 04 de novembro daquele ano. Embora sem o envio dos artigos, a sugestão da professora foi que eu entras-

² No artigo “*Historicidade e subjetividade. Contradição e conflito, liberdade e determinação*”, encontra-se parte dos argumentos apresentados por Virgínia naquela ocasião. Cf. Fontes (2005, p. 119-146).

³ Meu contato com a obra de Marx iniciou-se no Ensino Médio com as aulas de História e Sociologia. Pouco depois tomei conhecimento do *Manifesto Comunista* (Marx, 2010). Animado com esta obra, decidi conhecer mais sobre Marx, porém, infelizmente acabei entrando em contato com um marxismo bem raso e vulgar que se encontrava disponível na internet. Na sequência, realizei a leitura d’*Os Manuscritos Econômico-Filosóficos* (Marx, 2001) que, apesar de ser por uma tradução bem precária, foi suficiente para me deixar desconfiado das vulgarizações e mitos a respeito de sua obra. A riqueza e a multidimensionalidade da obra de Marx só se revelaram a mim quando entrei em contato com os professores do NIEP-Marx, a partir de finais de 2012, e com as aulas e cursos do professor José Paulo Netto (tanto as aulas e palestras disponíveis no Youtube quanto em cursos presenciais).

⁴ A pergunta não foi *exatamente* formulada assim. Porém, o *sentido* da pergunta ia nesta direção que, agora, reconstruo retrospectivamente, já tendo amadurecido a questão. A *questão da verdade* era para mim algo decisivo tanto pelo progressivo e completo afastamento dos dogmas religiosos quanto pelo incipiente ceticismo a respeito da atmosfera cultural relativista na qual a verdade carecia de relevância.

se em contato com os professores João Leonardo Medeiros e Bianca Imbiriba Bonente e participasse das disciplinas sobre *O capital* de Marx que os professores do NIEP-Marx ofereceriam naquele semestre. Notem que o *encontro* com Virgínia me levaria ao *encontro* com alunos do Mario, João e Bianca.

A sugestão, evidentemente, foi prontamente aceita. Ainda que naquele momento, não imaginasse que fosse me aventurar tão longe na obra de Marx, aceitei o desafio e participei (como ouvinte) da disciplina de Economia Política I do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Economia da UFF. A disciplina centrava-se sobre o livro I de *O capital* e fora ofertada naquele semestre por João Leonardo⁵. Na primeira aula, o professor João Leonardo apresentou a estrutura geral da disciplina e, também, a bibliografia do curso. Constava na bibliografia, entre outros, o artigo “Marx, verdade e discurso” de autoria de Mario Duayer. Seria ali meu *segundo encontro* com Mario, agora o escritor: foi quando tomei conhecimento de sua obra. Na exposição geral do curso, João ainda destacou sua dívida intelectual com Duayer e como sua leitura da obra de Marx tinha forte influência da interpretação de Mario⁶. Findada a disciplina que me marcou intelectualmente de maneira decisiva, tratei de enfim acessar os outros artigos de Mario e me dispus a estudá-los atentamente. Tarefa que fiz (e faço) com muito gosto – entre leituras e releituras – desde então.

A partir do *encontro* com João e Bianca, por sua vez, me aproximei gradualmente do NIEP-Marx, até o momento de vincular-me formalmente. Pude ali ter diversos encontros com o Mario, personagem e pensamento circulando na forma de professores e estudantes, amigos e colegas, que não cabe descrever aqui⁷. Mas um desses encontros feito no NIEP seria uma ponte decisiva para me levar até ao Mario. Em finais de 2014, Flávio Miranda, em uma reunião do grupo de estudos do NIEP, me fez o convite para participar de um grupo de estudos sobre o livro 3 de *O capital* (Marx, 2008; 2017) em que ele, Andrea Santos Baca, Juan

⁵ O segundo semestre iniciou-se em novembro em razão de o calendário ter sido ajustado após a greve daquele ano. Em 19 de novembro de 2012, salvo engano, deu-se a primeira aula do curso de João Leonardo. Sinceramente, este curso foi um divisor de águas no meu amadurecimento intelectual. Aproveito para agradecer novamente a João pelos excelentes cursos que me possibilitou.

⁶ Dívida intelectual expressamente reconhecida por João Leonardo em seu livro nas melhores palavras possíveis: “Foi com Mario Duayer que aprendi a pensar criticamente, ou seja, a pensar”, acompanhado do seguinte comentário: “Para além da formação acadêmica formal, Mario ensinou-me a sobreviver no ambiente acadêmico absolutamente anti-intelectual que cerca os professores universitários atualmente, e tornar-me um professor e pesquisador de fato, o que simplesmente quer dizer alguém que estuda a sério antes de falar (ou escrever). Isso já bastaria para um agradecimento destacado, *não fosse o fato de Mario ainda ter ensinado a mim e a toda uma geração de pesquisadores o caminho que, cada vez mais, considero correto para interpretar a obra de Marx e, a partir dela, a sociedade em que vivemos e as diversas reflexões sobre ela (por exemplo, as da Economia).*” (Medeiros, 2013, p. 21, itálicos não originais)

⁷ Não seria possível nomear todos e todas que fizeram (e fazem) parte destes múltiplos encontros. Mas gostaria de deixar aqui expresso meus agradecimentos aos professores, colegas e amigos que compõem o NIEP-Marx e em muito me auxiliaram a descortinar a obra de Marx e a enfrentar os desafios do cotidiano.

Pablo Painceira, Maracajaro Mansor, Paulo Henrique Furtado de Araujo participavam com a presença de Mario. Posteriormente Alexis Saludjian também se juntaria ao grupo. O encontro estava previsto para acontecer no campus da UFF, porém, a universidade se encontrava em período de férias e, portanto, fechada. Assim, Mario Duayer disponibilizou sua residência para aquela reunião que traria de discutir o capítulo XIX, “O capital de comércio de dinheiro”, do livro III de *O capital* de Marx (2017, pp. 359-66). Naquele inesquecível dia 10 de fevereiro de 2015, uma terça-feira, realizou-se o *meu terceiro encontro* com Mario e, desta vez, o primeiro encontro pessoal.

Cabe assinalar que poucos meses antes do primeiro encontro pessoal com Mario, chegamos a trocar mensagens por e-mail – da minha parte, enviei uma mensagem em 03 de dezembro de 2014 cuja resposta dele veio em 08 de dezembro – onde eu o solicitava algum artigo que não havia encontrado disponível na internet. Mario agradeceu pelo interesse em seu trabalho, me enviou o artigo dizendo se sentir recompensado por um estudante de Física estar interessado pela temática da *crítica ontológica* – assunto ao qual voltaremos mais adiante – e indicou ainda algumas sugestões de leitura que ele acreditava serem do meu interesse⁸.

Além do grupo de estudos sobre o livro 3 de *O capital*, houve outro grupo de estudos que participei sob supervisão de Mario Duayer. O grupo de estudos sobre a obra *Tempo, trabalho e dominação social* de Moishe Postone⁹ contava, a partir de meados de 2016, com a participação de Paulo Henrique Furtado de Araujo, Andrea Santos Baca, María Fernanda Escurra, Emanuela do Carmo, Rafael Oliveira, Tathiana Gomes, Ana Carolina Reginatto, Juliana Nascimento, Diogo Matos e, posteriormente, de Gracyelle Costa, Keyla Amorim e Guilherme Teles. Tal grupo era denominado Ontologia Crítica e constituiu a base para a consolidação e institucionalização do *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ontologia Crítica* (GEPOC-UFF), cuja atual coordenação é do professor Paulo Henrique Furtado de Araujo.

Nestes dois grupos que tive a oportunidade de participar com Mario e, assim, estreitar alguns laços com ele e com a maioria de seus colaboradores, fui capaz de observar de perto o estilo de trabalho intelectual de Duayer¹⁰. Dotado de uma capacidade crítica e autocrítica raras, Mario impressionava pelo seu rigor

⁸ A recomendação de Mario Duayer consistiu no seguinte roteiro de leitura: 1) os artigos *Marx, verdade e discurso* e *Antirrealismo e absolutas crenças relativas* de sua autoria; 2) *O Para uma ontologia do ser social* de Lukács, em especial, o capítulo sobre Neopositivismo do volume I; 3) O livro *A Realist Theory of Science* de Roy Bhaskar. Com exceção do livro do Bhaskar, àquela altura eu já havia lido todas as recomendações.

⁹ Cf. Postone (2014).

¹⁰ A rigor, não cheguei a ser um estudante *formal* nem orientando de Mario Duayer. Acompanhei o trabalho intelectual de Mario em palestras, cursos e, em especial, pelos textos e grupos de estudos que ele organizava.

intelectual e pela sua enorme paciência em destrinchar parágrafo a parágrafo as obras dos autores que se dedicava a estudar. Valendo-se de seu senso de humor peculiar, Duayer se dispunha a elaborar as mais diferenciadas explicações a fim de tornar possível aos estudantes e colegas o acesso à complexidade dos textos em debate. Também era uma marca em sua personalidade a empolgação por uma grande ideia uma vez que esta fosse encontrada na escavação atenta dos textos – nessas ocasiões ele usava o adjetivo “odioso” para se referir a algum autor que houvesse elaborado (antes dele!) a tal grande ideia¹¹.

Mario figurava, para aqueles que o acompanhavam, como o *exemplo* de intelectual sério e dedicado: provocador nato, era completamente comprometido com todos os participantes do grupo, extremamente rigoroso com a escrita e a tradução dos textos e sempre enfatizava a importância de organizar de modo claro as ideias, características todas estampadas nos seus resumos de causar inveja. Sendo sua exposição didática excelente ou não, ele também sempre solicitava uma avaliação franca de suas intervenções públicas. Por vezes, na mesma frase, ele era capaz de expressar uma ideia genial e uma ironia fina capaz de provocar nos ouvintes boas gargalhadas. Um caso cômico aconteceu após o jogo de Barcelona e Villarreal pelo Campeonato Espanhol de Futebol. Ao se referir a um golazo de Neymar, o jornal Super Notícia (publicado em princípios de novembro de 2015) exibiu em sua capa a seguinte manchete “Neymar faz gol ontológico em vitória do Barcelona”. Mario Duayer com seu sarcasmo a respeito do deslize da manchete pôs os amigos a rir: “espero que agora com a colaboração da celebridade Neymar valorizem mais nosso esforço – nem sempre notado – de ressaltar a dimensão ontológica da obra de Marx”.

Uma aproximação ao pensamento crítico de Mario Duayer

Nascido em Minas Gerais, Mario Duayer de Souza, certamente gostaria de ser lembrado pela sua atividade intelectual (e acadêmica) pela qual ele se dedicou durante cerca de meio século. Graduou-se em Engenharia Industrial Mecânica pela UFF em 1970, completou o Mestrado em Engenharia de Produção/Sistemas Econômicos pela COPPE/UFRJ em 1975, e realizou dois doutorados e dois pós-doutorados em universidades estrangeiras: em 1976, doutorou-se em Economia na Ludwig-Maximilian-Universität München e em 1979 obteve o título de doutor em Transfer of Technology and Development pela Universidade de Manchester. Quanto aos pós-doutorados: um na University of Massachusetts em 1992-3 e outro na Duke University em 1998-9.

¹¹ Era comum testemunhar Mario usar o termo “odioso” quando se referia ao argumento de Postone de reinterpretação da obra de Marx ou sobre a análise de Lukács do complexo do trabalho, entre outros casos.

Como já destacado, Mario se envolveu em uma série de grupos de estudos, pois a atividade de estudo, além de prazerosa por si, oferecia uma coletividade cuja importância era sabida por ele. Mario também foi um arguto professor, orientador formal e informal de um conjunto de monografias, dissertações e teses acadêmicas. Mario seria ainda um dos fundadores do NIEP-Marx, professor de parte expressiva dos professores que atualmente integram o Núcleo e também um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Seja registrado ainda sua colaboração na organização de muitos eventos¹² dentre os quais constam os colóquios *Marx e o Marxismo* pelo NIEP-Marx em 2007, 2008 e 2011, o *Encontro Nacional de Economia Política* em 2011, o *V Colóquio Internacional – Teoria Crítica y Marxismo Occidental* em Buenos Aires em 2012 e, com destaque, a *XII Conferência Anual da International Association for Critical Realism* em julho de 2009 em Niterói que contou com a presença de nomes internacionais como Moishe Postone, Nicolas Tertulian, Miguel Vedda, Alan Norrie, Alex Callinicos, Tony Lawson, Margaret Archer, Andrew Brown e também do eminente fundador do Realismo Crítico, o filósofo inglês Roy Bhaskar, cuja obra Mario seria um dos maiores estudiosos e principal divulgador no país. Vale destacar que grandes nomes do pensamento crítico contemporâneo (marxismo incluído) estiveram presentes no evento, em grande medida devido à influência e prestígio de Mario na organização. Sua contribuição também comparece na tradução pela qual foi parcialmente responsável – em parceria com Nélio Schneider – dos *Grundrisse*¹³ de Marx pela Editora Boitempo publicado em 2011.

Não seria possível de minha parte fazer um *memorial* sobre Mario Duayer sem fazer nenhuma menção aos seus diversos artigos, que exerceram sobre mim uma forte influência e mudaram completamente a minha maneira de interpretar o mundo. Antes de mais nada é preciso destacar que os textos de Mario não impressionam apenas pelos seus conteúdos dotados de uma riqueza teórica “odiosa”, mas também pelo próprio aspecto formal dos textos, pois, como é reconhecido por todos que entraram em contato com sua produção, Mario possuía

¹² Destaque-se aqui a atuação internacional de Mario Duayer: que não apenas contava com colaboradores em diversos países no exterior, também participou da organização de um livro com Miguel Vedda (Duayer; Vedda, 2013) publicado pela *Ediciones Herramienta* de Buenos Aires, como recentemente havia publicado artigos em excelentes coletâneas estrangeiras (Oliva *et al.*, 2020; Thompson, 2019).

¹³ Cf. Marx, 2011. A edição brasileira dos *Grundrisse* também contou com a supervisão editorial de Mario Duayer e um texto de sua autoria como apresentação ao livro. Há de se destacar ainda o importante esforço de Mario Duayer nesta tradução em verter a expressão alemã *Mehrwert* por *mais-valor* ao invés da tradicional *mais-valia*, pois, segundo ele, além de ser a tradução literal do termo alemão, contribuiria para esclarecer o conteúdo da categoria. Ademais, em decorrência da intervenção de Mario, a tradução do livro I de *O capital* da Boitempo (Marx, 2013) por Rubens Enderle também adotou o vocábulo *mais-valor*, opção preservada na tradução dos livros II e III de *O capital* (Marx, 2014; 2017).

um *estilo literário* único, no qual se destaca sua belíssima escrita¹⁴, merecedora de comparação com a dos melhores cronistas e prosadores da literatura brasileira. Que me seja permitido mostrar um pequeno exemplo: em seu artigo *Purgatório, curto conto teológico-metodológico* (Duayer, 1998), Mario apresenta um professor de Economia que, prestes a ingressar no céu e confiante no seu merecimento do paraíso por ter sido em vida um cientista axiologicamente neutro, se vê surpreendido quando o anjo o interrompe e lhe recomenda o caminho do inferno. O professor de Economia tem esperança de se defender de um suposto equívoco, e se apoia em argumentos da filosofia tradicional da ciência (em especial, os de Kuhn) com intenção de convencer o anjo. Eis a crônica de Duayer transparecendo em um trecho:

Reconfortava-se o professor com estas edificantes divagações quando, neste justo momento, foi interpelado por um anjo que, secamente, fez-lhe ver que andava no caminho errado, sendo o seu o do Inferno. Entre perplexo e indignado, o cândido professor protestou de tal veredicto, subentendendo, em seu sincero espanto, grave equívoco na sublime ordenação que lhe coubera (como se erro pudesse haver na lógica divinal!), pois considerava tremenda injustiça ter de assumir os ônus de eventuais malefícios causados por “valores” subjacentes à ciência que difundira com raro e profissional zelo, querendo com isso insinuar que professara “valores” sem, de fato, professá-los. Sendo a ciência mero instrumento de realização de valores adventícios, não fora ele mais do que meio do meio, peça de engrenagem (Duayer, 1998, p. 2).

O *essencial* da produção teórica de Mario Duayer está situado no marco da hegemonia neoliberal e pós-moderna. De certa forma, pode ser dito que com a reflexão de Duayer se consolidou a defesa de um marxismo – diga-se de passagem: refinado e sofisticado – diante da ofensiva (neo)liberal e dos relativismos culturais de todas as ordens. Marxismo este que algo inspirado nas contribuições do primeiro Bhaskar e do último Lukács – cujas afinidades foram pioneiramente

¹⁴ Assim como o grupo de samba *Fundo de Quintal* ao ouvir dona Ivone Lara cantar, a leitura dos artigos de Mario Duayer parecia fazer a *poesia pairar no ar*. Da minha preferência, destaco os seguintes artigos que expressam sua notável verve literária: o conto sobre um economista no Purgatório (Duayer, 1998); em coautoria com João Leonardo Medeiros, o artigo no qual eles *humoristicamente* psicografam Marx ao criticar a miséria brasileira (Duayer e Medeiros, 2003); a fina análise – da qual Mario sempre se orgulhou muito – do filme *Blade Runner* (Duayer, 2010a) e, ainda, a excelente reflexão sobre ontologia, filosofia da ciência e verdade feita a partir da obra literária do escritor argentino Jorge Luis Borges (Duayer, 2015).

identificadas pelo próprio Mario¹⁵ – pretendeu destacar a relevância da dimensão crítica presente na obra de Marx, de tal maneira que a própria reflexão de Duayer constituiu-se como uma *crítica ontológica* – posto que *a genuína crítica é crítica ontológica*, expressão sempre enfatizada por ele. Dito de outro modo, Mario Duayer ao destacar o caráter de crítica ontológica da obra de Marx desenvolveu uma abordagem original e fecunda que se apresentou essencialmente em dois campos: i) na crítica da filosofia tradicional da ciência e na metodologia das ciências, em especial, das ciências sociais e econômicas; ii) na rica interpretação da *Crítica da economia política* de Marx¹⁶.

Duayer, na esteira do último Lukács¹⁷, reconhece o caráter teleológico da prática humana e a ubiquidade da ontologia nas representações humano-sociais. Assim, ao reconhecer que “a intencionalidade é um atributo específico do humano, segue-se que a prática humana tem como pressuposto a representação do mundo, *i.e.*, das coisas e suas relações, bem como de sua relação com essas relações”, portanto,

o sujeito da prática intencional tem de significar o mundo de alguma maneira, tem de conferir sentido ao mundo para que sua prática seja o que é, a saber, prática com sentido. Caso contrário, estaríamos diante de agires reativos dados, fixos e não do agir intencional (Duayer, 2012, p. 18).

A prática intencional se caracteriza por estar orientada a uma finalidade, porém, para a realização concreta de tal finalidade é preciso que os sujeitos daquela prática sejam capazes de capturar – com algum grau de sucesso – as propriedades e determinações do mundo objetivo. Consequentemente, uma prática

¹⁵ De forma original, Mario Duayer percebeu a afinidade teórica (a reafirmação da ontologia e a crítica da tradição positivista, entre outras coisas) na elaboração do primeiro Bhaskar (*A Realist Theory of Science, The Possibility of Naturalism*) e no último Lukács em sua *Para uma ontologia do ser social*.

¹⁶ Mario Duayer contribuiu para a formação de gerações de intelectuais e militantes no campo da crítica da economia política. Exemplarmente, no livro *Para que leiam O capital: interpretações sobre o livro I* recentemente lançado pela *Coleção NIEP-Marx*, em evidente reconhecimento, os organizadores do livro anotam no prefácio: “Mario foi professor de todos nós, senão nas aulas formais, ao menos em grupos de estudo, mesas de discussão onde quer que elas fossem colocadas. A influência de Mario sobre nosso modo de compreender e pensar o marxismo não pode ser mensurada, mas pode ser percebida na forma como falamos sobre, nos portamos diante e julgamos a obra de Marx e o Marxismo” (Medeiros e Sá Barreto, 2021, p. 23).

¹⁷ Trata-se da fase da produção teórica de Georg Lukács desenvolvida ao longo dos anos 1960 e princípios de 1970 – Lukács falece em 71 – cujo empenho consistiu na elaboração de grandes obras sistemáticas nas quais comparece com maior peso uma *fundamentação ontológica* (histórica e dialética), e que se apresenta ainda implicitamente na sua *Estética* (Lukács, 1966) e mais explicitamente nas obras *Para uma ontologia do ser social*, que contém 2 volumes, e *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* (Lukács, 2010; 2012, 2013) que só postumamente seriam publicadas. Para uma aproximação das linhas gerais do pensamento do último Lukács, entre muitos, cf. Tertulian (2007).

intencional pressupõe uma significação do mundo e se desenvolve em conformidade com ela e, por sua vez, tal significação precisa apreender alguma objetividade do mundo de modo que aquela prática não seja frustrada em relação aos seus desejos e necessidades. Portanto, Duayer, em conformidade com Lukács, reconhece que as representações ontológicas – isto é, representações que se dirigem ao *ser das coisas* – são incontornáveis e centrais na prática social dos sujeitos.

As representações sobre o mundo, sejam elas falsas ou verdadeiras, condicionam e facultam os sujeitos a realizarem suas finalidades. Não seria preciso dizer que se a prática intencional pressupõe certas representações, tais representações habilitadoras das respectivas práticas são verdadeiras no âmbito destas próprias práticas. Neste sentido, Mario Duayer não apenas reconhece que a prática social supõe noções ontológicas, mas igualmente admite a objetividade das formas sociais de consciência. Pode parecer haver um aparente impasse aqui: se as ideias são verdadeiras na medida em que habilitam as práticas, como seria possível submetê-las à crítica e, portanto, defender teorias alternativas (que se pretendem verdadeiras) se cada prática é informada por e confirma tais ideias? Aqui, sob novo aspecto, retorna aquela terceira pergunta que dirigi à professora Virgínia Fontes; como defende Duayer, se Marx reconhece a objetividade das categorias da Economia Política¹⁸, como seria possível que o autor de *O capital* desenvolvesse uma crítica a tal ciência e, com isso, alegasse a falsidade de tais teorias? O segredo do debate reside precisamente na questão da ontologia. Vejamos isso mais de perto.

Tanto a prática intencional quanto a ciência não podem operar em um vácuo ontológico¹⁹. No entanto, isso parece contradizer o estado atual dos debates em filosofia da ciência que, nas últimas décadas, têm demonstrado um inequívoco caráter antiontológico. Segundo Duayer, as principais correntes e autores na filosofia da ciência tem contribuído para interditar a ontologia, seja explicitamente ou de modo apenas nominal. Mario defendeu em seus trabalhos que na filosofia tradicional da ciência há duas espécies de negações da ontologia: por um lado, a negação *positiva* da ontologia, que consiste no esforço das concepções teóricas em negligenciar as questões ontológicas, numa espécie de higienização. Porém, ao fazer isso, enrustem secretamente sua própria ontologia do existente, a ontologia empírica acriticamente herdada do empirismo, segundo a

¹⁸ Como Marx admite explicitamente, as categorias da economia política são “formas de pensamento socialmente válidas e, portanto, dotadas de objetividade para as relações de produção desse modo social de produção historicamente determinado, a produção de mercadorias” (Marx, 2013, p. 151).

¹⁹ Apesar de não ser possível demonstrar aqui, Mario reconhece, como demonstra Lukács, que também a ciência – enquanto um complexo superior da prática social – não pode operar em um vácuo ontológico. Para acompanhar a demonstração em mais detalhes: Lukács (2012, 2013); Duayer (2010b, 2012 e 2015) e, ainda, Bhaskar (1975).

qual o mundo consiste em fenômenos atômicos e regularidades empíricas. Não tenham dúvidas: a negação positiva da ontologia diz respeito à tradição positivista. Por outro lado, a negação *negativa* da ontologia, trata daquelas concepções, a saber, a tradição pós-positivista (Kuhn, Lakatos, Feyerabend *etc.*) e também do pós-estruturalismo e pós-modernismo, que sublinham enfaticamente a impossibilidade de se escapar da ontologia (sob o nome de esquemas de mundo, paradigmas, coordenadas ideológicas *etc.*). Entretanto, nestas concepções as ontologias são construtos incomensuráveis dos quais o mundo que poderia servir de parâmetro de comparação já comparece como um construto ideal, ou seja, a ciência elabora descrições que não podem reivindicar a objetividade e, portanto, a verdade da realidade (Duayer 2010b; 2003). Neste caso, porém, há uma sutileza: do fato de que o nosso acesso ao mundo é cultural e linguisticamente mediado – expressamente reconhecido por estas tradições – não deve implicar, segundo Duayer, a impossibilidade da defesa da objetividade das ideias e, por conseguinte, da verdade. Em certo sentido, grande parte da produção teórica de Duayer é para demonstrar esta assertiva. Assim, no primeiro caso, se nega a ontologia para afirmá-la obliquamente; no segundo caso, a ontologia está sempre presente, contudo, destituída de valor epistêmico, posto que afirmam a ontologia para negá-la.

A saída deste impasse, defende Duayer, é a reafirmação da ontologia e, por sua vez, isto se faz a partir da crítica das ontologias implícitas das concepções dominantes na filosofia da ciência. Mario, apoiado especialmente nas reflexões de Bhaskar²⁰ e Lukács, mostra que a ontologia implícita nas tendências dominantes na filosofia da ciência é precisamente a ontologia do realismo empírico²¹. Tal ontologia caracteriza-se por: i) promover um “achatamento” do mundo ao reduzir o mundo cognoscível à experiência sensível, ii) apresentar as relações de causalidade como regularidades empíricas cuja finalidade da explicação científica seria oferecer modelos a partir das conjunções constantes de eventos atomísticos dadas à percepção; iii) submeter as generalizações teóricas da ciência aos testes empíricos a fim de demonstrar sua validade e de modo a satisfazer o único critério de validade possível, o de adequação empírica (ou seja, a prática imediata) e, finalmente, por iv) uma concepção da ciência enquanto instrumento prático-operatório cuja racionalidade adquire um caráter igualmente instrumental.

²⁰ Como já foi assinalado: a reflexão de Duayer inspira-se nos trabalhos do primeiro Bhaskar, neste caso, especialmente o *A Realist Theory of Science* (1975) e *The possibility of Naturalism* (1979). Seja dito ainda que Duayer não seguiu a reflexão de Bhaskar na fase – a partir dos anos 2000 – em que este apresentou tendências mais místicas e espiritualistas. Para um esforço de apreensão do conjunto da obra de Roy Bhaskar feito em português, cf. Rodriguez (2020) e também o episódio #25 do *Ontocast* intitulado *Realismo crítico e ontologia marxista* com Rodrigo Siqueira Rodriguez disponível no agregador de podcast do Spotify.

²¹ Mario Duayer em seus trabalhos tenta demonstrar que tanto a tradição positivista quanto a tradição pós-positivista compartilham da mesma ontologia do realismo empírico (Duayer, 2010b).

A crítica que Duayer tenta oferecer – cuja apresentação está excessivamente resumida no presente texto²² – apoia-se no fato que a ontologia do realismo empírico reduz o real à dimensão do empírico, incorrendo naquilo que Bhaskar denomina “falácia epistêmica”, ou seja, reduzindo as questões ontológicas às questões epistemológicas (ou seja, a ordem do ser à ordem do conhecer). Associada à esta, a ontologia do realismo empírico incorre também na “falácia antrópica”, isto é, a análise do ser se realiza em termos de atributos do sujeito humano. Além disso, a explicação científica no interior desta ontologia não é capaz de dar conta da realidade *não empírica* dos objetos e mecanismos existentes subjacentes ao nível fenomênico, sendo incapaz de oferecer explicações causais-explanatórias.

As consequências da ontologia do realismo empírico não podem ser minimizadas: o resultado da negação da ontologia – de modo positivo ou negativo – é “a postulação implícita de uma ontologia do imediatamente existente, da realidade empírica da sociedade do capital” (Duayer, 2003, p. 17), ontologia esta que “colapsa o mundo no sujeito e, por essa razão, transforma o mundo empírico, factual, no único mundo possível, no qual, por conseguinte, nada pode mais o sujeito senão pragmaticamente se ajustar” (*idem*, p. 20), sujeito que não tem outro papel a não ser o de “mero reproduzidor de uma realidade social que, não obstante ser a objetivação de seus poderes, de sua prática, o confronta como algo estranho, como poder autônomo à cuja lógica está submetido” (*idem*, p. 17). Assim, restando aos sujeitos nada mais que um ajuste pragmático ao existente, tendo reduzida sua capacidade de construir práticas sociais alternativas, se plasma uma *concepção de história como contingência absoluta*²³ que, vale dizer, implica em uma naturalização do capitalismo e, portanto, em uma aceitação da impossibilidade de superá-lo.

É preciso fazer aqui uma observação importante: o procedimento crítico que Mario, a partir de Lukács e Bhaskar, dirige às concepções ontológicas empiristas das tradições positivista e pós-positivista identifica-se exatamente com o procedimento crítico adotado por Marx e que constitui uma espécie de orientação geral que organiza toda a obra marxiana. Trata-se precisamente do que se

²² Ao leitor que pretende acompanhar a demonstração em riqueza de detalhes, recomendo novamente a consulta dos textos de Mario Duayer indicados nas referências bibliográficas.

²³ Na obra de Duayer, também se encontra uma crítica das concepções de Richard Rorty, onde se destacam a crítica da concepção de história como contingência absoluta, do neopragmatismo e da expectativa de “um ponto de vista absoluto” (portanto, divino) para julgar a veracidade das teorias. Infelizmente, não foi possível desenvolver aqui a crítica de Mario a Richard Rorty, daí remeto o leitor a Duayer e Moraes (1997). Cabe notar que Mario Duayer, no início da sua produção nos anos 90, teve estreita colaboração com Maria Célia Marcondes de Moraes, porém, não disponho de muitas informações a respeito desta relação.

denominou *crítica ontológica*. A ênfase e a sistematização da *crítica ontológica*²⁴, a meu ver, é uma das principais contribuições de Mario Duayer. Esquematicamente, pode se caracterizar a crítica ontológica enquanto combinação de três momentos unitários:

Em primeiro lugar, *a crítica teórica tem de mostrar que a teoria criticada, nos termos de sua própria descrição, é fatalmente inconsistente, falsa, superficial, etc.* Em segundo lugar, *tem de prover uma descrição alternativa na qual demonstra a objetividade e a necessidade da teoria criticada.* Deve oferecer, portanto, uma descrição na qual o momento crítico não apaga idealmente o objeto da crítica, mas, ao contrário, reconhece a sua objetividade. Por conseguinte, é capaz de demonstrar que as concepções e teoria criticadas são formas de pensamento que, embora falsas, imaginárias, superficiais etc., são formas de pensamento socialmente válidas, úteis e eficazes. *De modo que a crítica desloca-se imediatamente das formas de pensamento para as estruturas sociais que suscitam e necessitam ideias falsas nos sujeitos*” (Duayer, 2010b, p. 12, itálicos não-originais)²⁵.

Desta caracterização, faz-se necessário ainda duas observações: em primeiro lugar, a partir desta chave de leitura, a crítica da economia política de Marx configura-se, portanto, como uma crítica ontológica das relações econômico-sociais capitalistas mediante a crítica das figurações de mundo feitas pelos economistas políticos (e economistas vulgares) cujos desdobramentos práticos apontam para outra forma histórica de sociedade (leia-se: emancipação humana); em segundo lugar, do reconhecimento da verdade (parcial) das teorias criticadas por Marx é possível acusá-las de falsas, limitadas e se dispor a criticá-las sem que isso seja uma contradição, pois, a teoria marxiana pretende restituir a *historicidade* de seu objeto que é apagada naquelas teorias, daí, a limitação e

²⁴ É de autoria do último Lukács a concepção da obra de Marx como uma crítica ontológica (Lukács, 2010, p. 71; 2012, p. 281). Em conversa privada com Mario Duayer, ele me confidenciou que foi José Chasin o responsável por chamar sua atenção para a temática da crítica ontológica. As concepções de Chasin foram apresentadas em livro (Chasin, 2009) cuja orelha foi elaborada pelo próprio Duayer. A partir dos trabalhos de Mario Duayer sobre a crítica ontológica, seguiram-se diversos outros que procuraram explorar a riqueza desta temática.

²⁵ É válido considerar outro trecho esclarecedor de Mario: “Marx sempre considerou teoricamente o falso, o falso socialmente necessário. Em suas obras, formas de consciência científica, religiosa, artística *etc.* que possuem validade social apesar de absurdas, lógica ou ontologicamente, jamais são descartadas após a inspeção crítica. Não são nem devem ser. *Pois a crítica não tem o poder de dissolver praticamente a concepção ou teoria criticada.* Se noções absurdas e incongruentes possuem validade social e, mais ainda, conservam essa validade a despeito de arrasadoras críticas lógico-gnosiológicas, segue-se que a sua validade social deve depender de outras circunstâncias” (Duayer, 2001, p. 1-2, itálicos não originais).

falsidade destas teorias quando se considera um escopo mais abrangente da prática social.

Em seus trabalhos, Mario procurou defender que não seria possível falar de Marx ou analisar sua teoria, sem antes suspender os embargos positivista e pós-positivista à ontologia. Porque, nas antípodas da atual atmosfera intelectual que defende a incomensurabilidade de paradigmas, Marx

constrói sua obra por meio do cotejamento crítico exaustivo com as ideias de sua época, e sua respectiva ontologia. E a constrói precisamente, como mostra Lukács, como uma ontologia alternativa do ser social, como crítica ontológica da sociabilidade do capital (Duayer, 2010b, p. 12).

À luz da crítica ontológica, Mario Duayer desenvolveu uma fecunda e instigante interpretação da crítica da economia política de Marx cuja ênfase, segundo ele, deve se centrar na crítica do estranhamento²⁶ (*Entfremdung*) e do caráter central enquanto mediação social que o trabalho adquire no capitalismo, interpretação que busca inspiração na obra de Moishe Postone²⁷. Aqui vale destacar a bela síntese oferecida por Mario:

Para precisar um pouco mais a crítica ontológica de Marx, pode-se dizer que ela está fundada na categoria do valor. É crítica ontológica do valor. A teoria marxiana, equivocadamente compreendida, por adversários e simpatizantes, como ciência econômica, ao tomar o valor como categoria fundante está fundada no trabalho. Mas não em qualquer trabalho, trabalho sem mais. É antes o trabalho absolutamente estranhado dos sujeitos – trabalho assalariado. A categoria valor nada mais é, neste sentido, do que a expressão social do fato de que nesta sociedade os sujeitos são reduzidos a trabalho. O trabalho, se não é a

²⁶ Na interpretação de Mario Duayer a respeito da crítica da economia política de Marx, *a categoria do estranhamento adquire uma dimensão central*. Em sua interpretação, na estrutura categorial da obra de Marx, *a categoria da exploração encontra-se subordinada à categoria do estranhamento* (ou alienação, como costuma ser denominada) e só a partir dela a especificidade histórica da formação da moderna sociedade capitalista pode ser apresentada (Duayer, 2011, p. 95). Seguindo a própria tradução que Mario costumava usar, referi-me ao vocábulo alemão *Entfremdung* como estranhamento, conforme sua tradução em Marx (2011, p. 705-6), embora vale mencionar que existe um debate acerca das opções de tradução do termo em questão.

²⁷ É de conhecimento público que Mario Duayer não apenas era próximo da interpretação de Moishe Postone, como era um dos principais divulgadores e debatedores de seu pensamento no Brasil. Contudo, é importante frisar que *a reflexão de Mario não era totalmente idêntica à reinterpretção proposta por Postone*, fato possível de ser observado por sua defesa da dimensão ontológica da obra de Marx, algo completamente ausente na obra do historiador canadense. Para isso, recomendo ver: Duayer (2016), Duayer e Araujo (2015) e Duayer, Escurra e Siqueira (2013). Na consideração de Duayer, vale dizer, Postone fazia crítica ontológica sem saber.

única forma de socialização, é a fundamental, básica, incondicional, da qual todas as outras dependem, e sem a qual os sujeitos perdem não só a sua sociabilidade, mas também a sua humanidade e, no limite, sua existência física. O valor, na teoria de Marx, é esse poder exclusivo da espécie humana, esse notável poder social de associação, o trabalho social, que, emergindo na história nas circunstâncias em que fez – e que poderiam ter sido outras, quem sabe – constitui-se em poder que escapa ao controle dos sujeitos e, mais do que isso, os subordina à sua lógica. E por isso tem [que] se apresentar como valor, como poder das coisas, em lugar de força diretamente social dos sujeitos. (Duayer, 2010b, p. 13)²⁸

Precisamente neste sentido, reforça Duayer, “a crítica de Marx deve ser compreendida como crítica do trabalho no capitalismo, crítica do trabalho como atividade socialmente mediadora, ou seja, crítica da sociabilidade fundada no trabalho” (Duayer, 2011, p. 98) na qual os sujeitos só pertencem à existência social se são capazes de trocar os produtos de seu trabalho. Incapacidade que resulta, no limite, em sua não existência social (individual). Ainda que não seja possível desenvolver aqui, que seja feita uma breve menção: na interpretação de Mario Duayer, é possível mostrar a partir do exame de Marx já nos primeiros capítulos de *O capital* que “o caráter mercantil da sociedade capitalista implica que a produção social – seu caráter, seu sentido, sua dinâmica etc. – escapa aos sujeitos. Mais exatamente, ela subordina os sujeitos, condenados a perseguir, por assim dizer, seu produto com sua lógica estranhada.” (Duayer, 2011, p. 95)²⁹. Nesta sua interpretação, “os sujeitos da sociedade do capital, dado seu caráter mercantil, da sociedade articulada pela troca, perdem o sentido de sua produção” que “para eles existe como uma coisa autônoma, estranha, fora deles, que os subordina e a cujos imperativos estão submetidos”. Paradoxalmente, os sujeitos “são reduzidos a meros trabalhadores, mas o sentido de seu trabalho lhes escapa” (Duayer, 2011, p. 95).

²⁸ É válido considerar que se a obra de Marx é compreendida como uma ciência econômica, além de ser um flagrante erro teórico, restringe-a justamente ao campo que a ciência econômica sai favorecida, ou seja, em um terreno no qual a natureza histórica da sociedade não é considerada, além de situar a obra de Marx na ontologia do realismo empírico (se adotarmos a terminologia de Roy Bhaskar).

²⁹ Outra característica importante que Mario fazia questão de enfatizar era que, a partir do caráter mercantil da produção capitalista, se armava uma dinâmica social da riqueza (valor) de caráter expansivo, característica própria desta sociedade, isto é, com “a produção social assim articulada, ou seja, *externamente* por meio da troca mediada por dinheiro, tem uma determinação absolutamente peculiar: *é e sempre tem de ser produção crescente*. Nenhuma outra formação socioeconômica possui um dispositivo imanente *automático* como esse em seu processo de produção, dispositivo que o faz crescer necessariamente. Cada produtor deseja e precisa produzir o máximo e, por isso, a produção social é sempre crescente” (Duayer, 2011, p. 94). Acrescente-se: produção social sempre crescente e crescentemente estranhada (alienada).

Uma vez que, na sociedade capitalista, como desenvolveu Duayer em seus artigos, os sujeitos são reduzidos a meros trabalhadores e o sentido de seu trabalho lhes escapa, é que se faz preciso restaurar o pensamento de Marx enquanto crítica ontológica. Ou seja,

a teoria de Marx é antes de tudo crítica ontológica, como aliás deve ser toda crítica genuína, isto é, crítica das formas correntes de figurar o mundo, das descrições correntes do mundo, compatíveis com e necessárias para um mundo que parece se reproduzir sempre da mesma forma (Duayer, 2011, p. 99).

Crítica de um mundo que pretende cancelar a história, restringir os sujeitos à mera conformação ao existente e impedir a abertura de outros futuros e, portanto, de alternativas à subjetividade. Precisamente por isso, somente a crítica ontológica de um mundo que se apresenta sem história, pode figurá-lo como um mundo histórico e, portanto, mutável, daí que a teoria de Marx, na leitura que Duayer faz, “abre espaço para práticas sociais compatíveis com a historicidade do mundo”, uma prática “que transcende os limites da reprodução do existente”, para a efetivação de um mundo digno do humano. A luta pela emancipação humana, portanto, não pode dispensar a crítica ontológica e a defesa da verdade. Em tempos de pós-verdade, negacionismos e da barbárie que se alastra em todas as latitudes, a obra de Mario Duayer se faz presente e, brechtianamente, imprescindível!

O desencontro do último adeus

Apesar do caráter breve e limitado de minha exposição das ideias de Mario, pretendi oferecer alguns ponto-chaves que acredito terem norteado a reflexão e a intervenção de Duayer ao longo de sua trajetória intelectual e política³⁰. Ideias que tive a oportunidade de apresentar durante o *VIII Coloquio Internacional “Teoría Crítica y Marxismo Occidental”* em Buenos Aires, no dia 14 de agosto de 2018. Com uma intervenção intitulada “O método da crítica em Marx: ciência e emancipação humana”, pretendi sintetizar as ideias principais de Mario Duayer

³⁰ Em 18 de agosto de 2017, enviei por e-mail uma série de questões ao Mario acerca da sua produção teórica. Uma das perguntas era quais eram os “acordes teóricos” que não lhe saíam da cabeça. Uma semana depois, ao tratar das questões, ofereceu a seguinte resposta: “O acorde é o seguinte: como fazer para vivermos a história não como destino, como fatalidade. Como fazer para lidarmos historicamente com nossa historicidade? Como se contrapor às mentiras – interessadas e/ou ingênuas – que impedem a humanidade de compreender que ela tem o poder de criar um mundo decentemente humano? Como desmontar a lógica estranhada avassaladora do produto de nossa prática?”. A crítica ontológica ao estranhamento, a defesa da verdade e a luta pela emancipação sempre foram o norte da intervenção de Duayer. Quanto à atividade *especificamente* política de Mario, careço de informações mais detalhadas, portanto, não as pude apresentar aqui.

(e outros) acerca desta temática³¹. Para minha surpresa, contei com a presença do próprio Mario para assistir minha apresentação³², ainda que no dia anterior eu o tivesse pedido – em tom humorado – para não comparecer pois isto poderia me deixar apreensivo. Modéstia à parte, após uma apresentação que julgo de grande qualidade, perguntei ao Mario o que ele tinha achado, uma vez que o essencial das ideias ali expostas se baseava em seus trabalhos. Ao que ele, ironicamente, respondeu: “achei bem mais ou menos” e pôs-se a gargalhar, ainda que a expressão de surpresa e orgulho transparecesse outro juízo de sua parte.

Meu último *encontro* com Mario aconteceria na gravação de um episódio do podcast *Ontocast*³³ que tratou de entrevistá-lo a respeito de suas ideias sobre a crítica de Marx – com base em Lukács e Postone – à centralidade do trabalho no capitalismo, esforço predominante de seus últimos anos de trabalho. Eu não teria como imaginar, mas este *último encontro* seria também nossa *despedida*.

A partida de Mario, aos 74 anos, consiste em uma perda incomensurável. Sem dúvidas, perdemos, além de um autor de uma produção teórica multifacetada, um ser humano íntegro com um humor peculiar e uma fina ironia, dotado de um talento original e uma riqueza extraordinária, completamente afetuoso com aqueles que lhe retribuía afeto³⁴. Se perde também o pai, o amigo, o parente, o professor etc. na pessoa de Mario vítima de uma política de governo genocida levado a cabo pelo governo Bolsonaro. *Mario, sua ausência é mais que evidente*.

Por fim, gostaria de deixar meus sentimentos de forma especial a Guilherme Duayer, um dos filhos de Mario. Em 05 de março de 2021, para minha surpresa, Guilherme Duayer me contactou via *WhatsApp*, para me agradecer pela homenagem que fiz a seu pai no *Facebook*. Dentre as emocionantes coisas relatadas por Guilherme, uma me causou enorme alegria e orgulho. Disse ele: “Em algumas de nossas conversas, meu pai sempre fazia referência a você como uma pessoa

³¹ Verdade seja dita: aquela apresentação foi possível não apenas pelos estudos dos artigos de Mario Duayer e dos grupos de estudos que participei com ele. Mas também das inúmeras lições que tive com o professor João Leonardo Medeiros e do grupo de estudos *Reflexão à Esquerda* do NIEP-Marx. Vale dizer ainda que no Colóquio dividi a mesa de apresentação de trabalho com os professores Ivan Cotrim e Mônica Hallak Costa.

³² O tom bem-humorado de Mario não tardaria em comparecer, pois assim que viu que eu faria uma apresentação em um evento marxista, tratou de dizer em forma de brincadeira: “você vai ser expulso da Física, hein”.

³³ O *Ontocast* lançou a entrevista, feita por Gabriel Carvalho e por mim, com Mario Duayer como episódio especial no Natal de 2020 – ocasião na qual Mario não perdeu a oportunidade de provocar – que se encontra sob o título *A crítica ontológica do trabalho em Lukács e Moişe Postone* disponível no agregador de podcast do Spotify.

³⁴ É evidente que uma figura como Mario Duayer, sarcástica e provocadora, iria carregar muitos desafetos, tanto daqueles no mesmo campo teórico-político, quanto especialmente no campo de oposição. Para que meu relato não pareça *mistificar* a pessoa de Mario: comigo mesmo ele chegou a ter uma atitude mais ríspida, fruto de um desentendimento que tão logo esclarecido, ele voltou a demonstrar generosidade e acolhimento sempre que necessário.

de luta, com admiração da sua capacidade intelectual, a par de todas as suas dificuldades. Ele ficava impressionado com a sua bagagem de leitura, que, segundo ele (se não me engano), você atribuía, em grande parte, aos intermináveis trajetos de ônibus [de casa para a faculdade e vice-versa]. Não sei se alguma vez ele lhe disse isso pessoalmente, mas saiba que meu pai reconhecia em você uma grande capacidade intelectual”. Fiquei muito feliz em ter certeza que a admiração intelectual também existia por parte de Mario. Agradeço ao Guilherme por esta “revelação” e desejo-lhe forças para seguir a vida com a ausência de Mario que, segundo ele, foi um excelente pai.

Gostaria de deixar meus singelos sentimentos também a Felipe Duayer (o outro filho de Mario), ao primo de Mario, professor Juarez Duayer, à nossa grande amiga Virgínia Fontes, ao grande amigo e colaborador Paulo Henrique, aos amigos Flávio Miranda, João Leonardo e Bianca Imbiriba e a todos e todas – estudantes, colegas, amigos e familiares – que foram marcados por esta figura humana singular.

Façamos Mario Duayer presente!

Referências

- BHASKAR, Roy. *A Theory Realist of Science*. London: Verso, 1975.
- BHASKAR, Roy. *The possibility of naturalism: a philosophical critique of the contemporary human sciences*. Brighton: Harvester Press, 1979.
- CHASIN, José. *Marx. Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- DUAYER, Mario. “Purgatório (curto conto teológico-metodológico)”, *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. Rio de Janeiro, v. 2, 1998, pp. 144-59.
- _____, Mario. “Marx, verdade e discurso”, *Perspectiva*. Florianópolis, v. 19, n. 1, 2001, pp. 15-39.
- _____, Mario. “Economia depois do relativismo: crítica ontológica ou ceticismo instrumental?”, *anais do VIII Encontro Nacional de Economia Política (Congresso)*. 2003.
- _____, Mario. “Capital: More human than human (Blade Runner e a barbárie do capital)”, *Revista Trabalho Necessário*. Niterói, v. 8, n. 11, 2010a.
- _____, Mario. “Relativismo, certeza e conformismo: Para uma crítica das filosofias da perenidade do capital”, *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. Niterói, v. 27, 2010b, pp. 58-83.
- _____, Mario. “Mercadoria e trabalho estranhado: Marx e a crítica do trabalho no capitalismo”, *Margem Esquerda*. São Paulo, v. 17, 2011, pp. 88-99.
- _____, Mario. “Antirrealismo e absolutas crenças relativas”, *Verinotio*. Belo Horizonte, v. 14, 2012, pp. 16-27.
- _____, Mario. “Jorge Luis Borges, filosofia da ciência e crítica ontológica: verdade e emancipação”, *Margem Esquerda*. São Paulo, v. 24, 2015, pp. 87-110.

- _____, Mario. “Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho”, *Verinotio*. Belo Horizonte, v. 22, 2016, pp. 29-43.
- DUAYER, Mario; MORAES, Maria Célia Marcondes. “Neopragmatismo: a história como contingência absoluta”, *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro, v. 4, 1997, pp. 27-48.
- DUAYER, Mario; MEDEIROS, João Leonardo Gomes. “Miséria brasileira e macro-filantropia: psicografando Marx”, *Revista de Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2003.
- DUAYER, Mario; VEDDA, Miguel (Orgs.). *György Lukács: años de peregrinaje filosófico*. Buenos Aires: Ediciones Herramienta, 2013.
- DUAYER, Mario; ESCURRA, María Fernanda; SIQUEIRA, Andrea Vieira. “A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica em Marx”, *Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 16, 2013, pp. 17-25.
- DUAYER, Mario; ARAÚJO, Paulo Henrique F. “Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuição com base em Lukács e Postone”, *Revista Em Pauta*. Rio de Janeiro, v. 35, 2015, pp. 15-36.
- EDGLEY, Roy. Reason as dialectic. Science, social science and socialist science. *Radical Philosophy*, 15, 1976, pp. 2-7.
- FONTES, Virgínia. *Reflexões im-pertinentes: História e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LUKÁCS, György. *Estética, I: la peculiaridade de lo estético*. Barcelona-México: Grijalbo, 1966.
- _____, György. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- _____, György. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- _____, György. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- _____, Karl. *O capital: Crítica da Economia Política. Livro Terceiro. O processo global de produção capitalista*. volumes 4, 5 e 6. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____, Karl. *Manifesto Comunista*. 1ª edição revista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- _____, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 – esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011
- _____, Karl. *O capital. Crítica da Economia Política. Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

- , Karl. *O capital. Crítica da Economia Política*. Livro II: o processo de circulação do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- , Karl. *O capital. Crítica da Economia Política*. Livro III: o processo global da produção capitalista. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- MEDEIROS, João Leonardo. *A economia diante do horror econômico: Uma crítica ontológica dos surtos de altruísmo da ciência econômica*. Niterói: EdUFFE, 2013.
- MEDEIROS, João Leonardo; Sá Barreto, Eduardo (Orgs.). *Para que leiam O capital: interpretações sobre o livro I*. Coleção NIEP-Marx volume VI. São Paulo: Usina Editorial, 2021.
- MORAES, Vinícius de; POWELL, Baden. Faixa 5: Samba da Bênção. in: Vinícius [1967]. Elenco Records: 1967. LP. [06:49]. Disponível em: <<http://www.jobim.org/gil/handle/2010.4/1314>>. Acesso em 21 de maio de 2021.
- ONTOCAST. Episódio #25: Realismo crítico e ontologia marxista. [S.L]. Entrevistado: Rodrigo Siqueira Rodriguez. Entrevistadores: Natan Oliveira e Gabriel Carvalho. 19 de dezembro de 2020. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6DU2Sa7kms4rPnXaq9Xuiv?si=YI2C7qVpS1yPkSooeFQLA>>. Acesso em 21 de maio de 2021.
- ONTOCAST. Episódio Especial: Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuição com base em Lukács e Postone. [S.L]. Entrevistado: Mario Duayer. Entrevistadores: Natan Oliveira e Gabriel Carvalho. 25 de dezembro. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7hpf9hr5GmhKUjKAc7BcpP?si=cxyoC9ARQUy1fxBLhVHxBA>>. Acesso em 21 de maio de 2021.
- OLIVA, Antonio; OLIVA, Angel; NOVARA, Ivan (Eds.) *Marx and contemporary critical theory: the philosophy of real abstraction*. London: Palgrave, 2020.
- POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RODRIGUEZ, Rodrigo Siqueira. *Ontologia, ciência e crítica social: uma interpretação de Marx a partir do realismo crítico*. Tese (doutorado em Economia). Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, 2020, 161p.
- TERTULIAN, Nicolas. “O pensamento do último Lukács”, *Revista Outubro*. São Paulo, n. 16, 2007, pp. 219-48.
- THOMPSON, Michael J. (ed.). *Georg Lukács and the possibility of critical social ontology*. Leiden/Boston: Brill, 2019.

Recebido em 28 de maio de 2021

Aprovado em 16 de junho de 2021